

DA AUTORA BESTSELLER DE
A RAPARIGA NO COMBOIO

ESCRITO NA ÁGUA

PAULA HAWKINS

20 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

«Um dos livros mais aguardados
de 2017.» — Revista *TIME*

**TOP
SEL
LER**

Para todas as pessoas problemáticas

«Era muito novo quando me abriram ao meio.

Algumas coisas devemos abandoná-las,
Outras não devemos.
As opiniões diferem quanto a quais.»

The Numbers Game, EMILY BERRY

«Sabemos hoje que as recordações não são fixas
ou congeladas, que não são como os boiões
de compota guardados na despensa de Proust,
mas que se transformam, desmontam e voltam
a montar, que são recategorizadas através
de cada acto de memória.»

Alucinações, OLIVER SACKS (2013, Relógio d'Água)

O POÇO DAS AFOGADAS

Libby

— *M*ais uma vez! Mais uma vez!
Os homens voltam a amarrá-la. Agora, de uma maneira diferente: o polegar esquerdo ao dedo grande do pé direito, e o polegar direito ao esquerdo. A corda em torno da cintura. Desta feita, têm de a carregar água adentro.

— *Por favor* — começa ela a implorar, porque não sabe ao certo se consegue voltar a enfrentar aquilo, a escuridão e o frio.

Quer regressar a um lar que já não existe, a um tempo em que ela e a tia se sentavam diante da lareira e contavam histórias uma à outra. Quer estar na sua cama no chalé delas, quer voltar a ser pequena, inspirar o fumo da madeira e as rosas e o doce aconchego da pele da tia.

— *Por favor.*

Afunda-se. Quando a tiram de lá pela segunda vez, tem os lábios do azul de uma nódoa negra, e a sua respiração desapareceu para sempre.

PARTE UM

2015

JULES

HAVIA QUALQUER COISA que me querias contar, não havia? O que é que estavas a tentar dizer? Sinto que me desviei desta conversa há muito tempo. Deixei de me concentrar, estava a pensar noutra assunto, a lidar com as coisas, não estava a ouvir, e perdi o fio à meada. Bem, agora tens a minha atenção. Só que não consigo evitar pensar que me escaparam alguns dos pontos mais relevantes.

Quando vieram contar-me, fiquei zangada. Aliviada primeiro, porque, quando dois agentes da polícia nos aparecem à porta precisamente quando estamos à procura do bilhete de comboio, prestes a sair porta fora para ir trabalhar, tememos o pior. Temi pelas pessoas de quem gosto — os meus amigos, o meu ex, as pessoas com quem trabalho. Mas não tinha que ver com nenhum deles, disseram, tinha que ver contigo. Portanto, fiquei aliviada, só por um instante, e depois contaram-me o que acontecera, o que tinhas feito, contaram-me que tinhas estado na água e, então, fiquei furiosa. Furiosa e com medo.

Estava a pensar no que te iria dizer quando lá chegasse, em como sabia que tinhas feito aquilo para me magoar, para me perturbar, para me amedrontar, para me dar cabo da vida. Para me chamares a atenção, para me arrastares de volta para onde me querias. E pronto, Nel, conseguiste: aqui estou eu num sítio a que nunca mais queria voltar, para tomar conta da tua filha, para resolver a tua maldita embrulhada.

SEGUNDA-FEIRA, 10 DE AGOSTO

JOSH

ALGO ME ACORDOU. Saí da cama para ir à casa de banho e reparei que a porta da mamã e do papá estava aberta e, quando olhei, consegui ver que a mamã não estava na cama. O papá estava a ressonar, como de costume. O rádio-despertador dizia que eram 4h08. Achei que ela devia estar no andar de baixo. Ela tem dificuldade em dormir. Agora, têm ambos, mas ele toma comprimidos que são tão fortes que podíamos estar mesmo ao lado da cama e gritar-lhe ao ouvido que ele não acordaria.

Fui ao andar de baixo muito silenciosamente, porque, habitualmente, o que acontece é que ela liga a televisão e vê aqueles anúncios intermináveis acerca de máquinas que nos ajudam a perder peso ou a limpar o chão ou a cortar legumes de imensas maneiras diferentes e, depois, adormece. Mas a televisão não estava ligada e ela não estava no sofá, pelo que percebi que devia ter saído.

Já o tinha feito algumas vezes — que eu saiba, pelo menos. Não consigo saber onde é que toda a gente está a toda a hora. Da primeira vez, disse-me que tinha ido só dar um passeio, para arejar a cabeça, mas houve outra manhã em que acordei e ela tinha saído e, quando olhei pela janela, consegui ver que o carro dela não estava estacionado à entrada, onde costuma estar.

Julgo que, provavelmente, vai caminhar junto ao rio ou visitar a campa da Katie. Eu faço isso, às vezes, embora não a meio da noite. Teria medo de sair na escuridão, além de que isso me faria sentir

esquisito, porque foi o que a própria Katie fez: levantou-se a meio da noite, foi até ao rio e não voltou. No entanto, compreendo porque é que a mamã o faz: agora, é o mais perto que consegue estar da Katie, isso e sentar-se no quarto dela, que é outra coisa que sei que, às vezes, ela faz. O quarto da Katie é ao lado do meu e consigo ouvir a mamã a chorar.

Sentei-me no sofá para esperar por ela, mas devo ter adormecido, porque, quando ouvi a porta abrir-se, havia luz lá fora e o relógio na cornija da lareira indicava 7h15. Ouvi a mamã a fechar a porta atrás dela, e depois correu imediatamente escadas acima.

Segui-a até ao primeiro andar. Fiquei diante do quarto e espreeitei por entre a abertura da porta. Ela estava de joelhos ao lado da cama, do lado do papá, e tinha a cara vermelha, como se tivesse estado a correr. Estava a respirar com dificuldade e a dizer:

— Alec, acorda. Acorda — dizia enquanto o abanava. — A Nel Abbott morreu. Encontraram-na na água. Atirou-se.

Não me lembro de dizer nada, mas devo ter feito algum barulho, porque ela olhou para cima, para mim, e pôs-se de pé.

— Oh, Josh — disse ela, vindo na minha direção. — Oh, Josh. — Tinha lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto abaixo e abraçou-me com força. Quando me afastei dela, ainda estava a chorar, mas estava a sorrir também. — Oh, querido — disse ela.

O papá sentou-se na cama. Esfregava os olhos. Leva uma eternidade a acordar como deve ser.

— Não compreendo. Quando... Queres dizer na noite passada? Como é que sabes?

— Saí para comprar leite — disse ela. — Toda a gente estava a falar disso... na loja. Encontraram-na esta manhã.

Ela sentou-se na cama e voltou a chorar. O papá deu-lhe um abraço, mas estava a observar-me e tinha um ar estranho na cara.

— Onde é que foste? — perguntei-lhe. — Onde é que andaste?

— Fui às lojas, Josh. Acabei de dizer.

Estás a mentir, apeteceu-me dizer. Saíste há horas, não foste só comprar leite. Apeteceu-me dizer isso, mas não podia, porque os meus pais estavam sentados na cama, a olhar um para o outro, e pareciam felizes.

TERÇA-FEIRA, 11 DE AGOSTO

JULES

LEMBRO-ME. NO BANCO DE TRÁS DA AUTOCARAVANA, com as almofadas empilhadas no meio para marcar a fronteira entre o teu território e o meu, ao irmos para Beckford passar o verão, tu inquieta e excitada — mal podias esperar por chegar lá —, e eu esverdeada de enjoo, tentando não vomitar.

Não era só lembrar-me; sentia-o. Sentia o mesmo enjoo esta tarde, debruçada sobre o volante como uma velhota, a conduzir depressa e mal, guinando para o meio da estrada nas curvas, carregando no travão com brusquidão demais, corrigindo demasiado a trajetória ao ver os carros a virem de frente. Sentia aquilo, aquela sensação que tenho quando vejo uma carrinha branca disparada na minha direção, por um daqueles caminhos estreitos, e penso: *Vou desviar-me, vou fazê-lo, vou guinar mesmo para a faixa dele*; não porque queira, mas porque tenho de fazê-lo. Como se, à última hora, perdesse todo o livre-arbítrio. É como a sensação que temos quando nos encontramos à beira de um penhasco, ou à beira da plataforma dos comboios, e nos sentimos impelidos por uma qualquer mão invisível. E se? E se eu me limitasse a dar um passo em frente? E se eu me limitasse a virar o volante?

(Afinal de contas, tu e eu não somos tão diferentes.)

O que me espantou foi quão bem me lembrava. Demasiado bem. Porque será que me consigo recordar tão perfeitamente das coisas que me aconteceram quando tinha 8 anos e, contudo, tentar

lembrar-me se falei ou não com os meus colegas acerca de reagentar a avaliação de um cliente para a semana que vem me parece impossível? Nunca me consigo lembrar do que preciso, mas as coisas que tanto queria esquecer estão sempre a ocorrer-me. Quanto mais perto estava de Beckford, mais inegável se tornava, o passado a disparar sobre mim como pardais vindos de uma sebe, assustadores e inevitáveis.

Toda aquela exuberância, aquele verde inacreditável, o amarelo vivo e ácido do tojo nas colinas, queimava-me o cérebro e trazia consigo um documentário de memórias: o papá a levar-me ao colo para dentro de água quando tinha 4 ou 5 anos, enquanto eu gritava e me contorcia com leite; tu a saltares dos rochedos para o rio e a subires cada vez mais alto. Piqueniques nas margens arenosas, junto ao poço, o gosto a protetor solar na língua; apanhar um peixe gordo e castanho na água lamacenta a jusante do Moinho. Tu a chegares a casa com sangue a correr-te pela perna abaixo depois de teres calculado mal um dos saltos e a morderes um pano de cozinha enquanto o papá te limpava o golpe, porque não ias chorar. Não à minha frente. A mamã a usar um vestido de alças azul-claro, descalça na cozinha, a fazer papas de aveia para o pequeno-almoço, com as solas dos pés de um castanho escuro e enferrujado. O papá sentado na margem do rio, a desenhar. Mais tarde, quando éramos mais velhas, tu de calções de ganga, com a parte de cima de um biquíni debaixo da tua t-shirt, a fugires de casa tarde para te encontrares com um rapaz. Não um rapaz qualquer, o rapaz. A mamã, mais magra e mais frágil, a dormir num cadeirão na sala de estar; o papá a desaparecer para fazer longas caminhadas com a mulher do vigário, gorducha, pálida e com chapéu de sol. Lembro-me de um jogo de futebol. Um sol quente sobre a água, e todos os olhares em cima de mim; a conter as lágrimas, com sangue na coxa, e risadas a soarem-me aos ouvidos. Ainda as consigo ouvir. E, por trás disso tudo, o som da água a correr.

Estava tão embrenhada nessa água que não me apercebi de que tinha chegado. Estava ali, no coração da vila; surgiu subitamente perante mim como se tivesse fechado os olhos e sido levada

para o local e, antes que desse por isso, estava a conduzir lentamente pelas ruelas estreitas cheias de jipes, com uma mancha de pedra rosada na periferia da minha visão, em direção à igreja, em direção à antiga ponte, agora com cuidado. Mantive o olhar no asfalto à minha frente e tentei não olhar para as árvores, para o rio. Tentei não ver, mas não conseguia evitá-lo.

Encostei à beira da estrada e desliguei o motor. Olhei para cima. Havia árvores e degraus de pedra, verdes por causa do musgo e traçoeiros depois da chuva. Todo o meu corpo tinha pele de galinha. Lembrei-me disto: a chuva gelada a embater no asfalto, luzes azuis intermitentes a competirem com os relâmpagos para iluminarem o rio e o céu, nuvens de respiração diante de rostos em pânico, e um rapazinho, branco como um fantasma e a tremer, levado pelos degraus acima, até à estrada, por uma mulher-polícia. Ela estava a agarrar-lhe na mão e tinha os olhos muito abertos e enlouquecidos, a cabeça a virar-se para um lado e para o outro enquanto chamava alguém. Ainda consigo sentir o que senti nessa noite, o terror e o fascínio. Ainda consigo ouvir as tuas palavras na minha cabeça: *Como seria? Consegues imaginar? Veres a tua mãe morrer?*

Afastei o olhar. Liguei o carro e voltei para a estrada, passei a ponte até onde o caminho faz uma curva. Procurei a curva — a primeira à esquerda? Não, não é essa, a segunda. Lá estava ela, aquele velho e castanho casco de pedra, a Casa do Moinho. Com uma picada na pele, fria e húmida, e o coração a bater perigosamente depressa, conduzi o carro para lá do portão aberto, seguindo pelo caminho de acesso privado.

Encontrava-se lá um homem, a olhar para o telemóvel. Um polícia fardado. Aproximou-se rapidamente do carro e eu baixei a janela.

— Sou a Jules — disse. — A Jules Abbott? Sou... irmã dela.

— Ah. — Ele parecia envergonhado. — Sim. Certo. Claro. Olhe — e virou-se para trás, para a casa —, de momento não está cá ninguém. A rapariga... a sua sobrinha... saiu. Não sei para onde...

Tirou o rádio do cinto.

Abri a porta e saí.

— Não faz mal se eu entrar em casa? — perguntei.

Estava a olhar para cima, para a janela aberta, para o que costumava ser o meu quarto. Ainda te conseguia ver lá, sentada no parapeito da janela, com os pés pendurados para fora. Vertiginosamente.

O polícia parecia indeciso. Afastou-se de mim e disse qualquer coisa em voz baixa para o rádio antes de regressar.

— Sim, não faz mal. Pode entrar.

Eu estava cega ao subir as escadas, mas ouvia a água e cheirava a terra, a terra à sombra da casa, por debaixo das árvores, nos lugares intocados pela luz do Sol, o fedor acre das folhas a apodrecerem, e esse cheiro transportou-me para trás no tempo.

Abri a porta da rua, meio à espera de ouvir a voz da minha mãe a chamar-me da cozinha. Sem pensar, soube que teria de empurrar a porta com a coxa, no ponto em que fica presa contra o chão. Entrei no corredor e fechei a porta atrás de mim, com os olhos a debaterem-se para se focarem na penumbra, e eu a tremer face ao frio súbito.

Na cozinha, havia uma mesa de carvalho por baixo da janela. Seria a mesma? Parecia semelhante, mas não podia ser, o sítio tinha mudado de mãos demasiadas vezes entre essa altura e agora. Poderia ter a certeza se rastejasse para debaixo dela, para procurar as marcas que tu e eu lá deixámos, mas só essa ideia me acelerava a pulsação.

Lembro-me do modo como apanhava o sol de manhã, de como, se nos sentássemos do lado esquerdo, defronte para o forno de ferro fundido, víamos a antiga ponte, perfeitamente enquadrada. Tão bela, comentava toda a gente perante aquela vista — mas não a viam mesmo. Nunca abriam a janela nem se inclinavam para fora, nunca olhavam para baixo, para a roda, a apodrecer no seu lugar, nunca olhavam para lá da luz do Sol que brincava na superfície da água, nunca viam como a água era, na realidade, de um negro-esverdeado e cheia de coisas vivas e de coisas moribundas.

Saí da cozinha em direção ao vestíbulo, passei pelas escadas e penetrei mais na casa. Deparei-me com aquilo tão subitamente

que me espantou, junto às enormes janelas que davam para o rio — *rio adentro*, quase, como se, se as abrissemos, a água entrasse cá para dentro, para cima do comprido banco de madeira da janela que corria por debaixo dela.

Lembro-me. Todos aqueles verões, eu e a mamã sentadas àquela janela, encostadas às almofadas, com os pés para cima, os dedos dos pés quase a tocarem-se, e com livros sobre os joelhos. Um prato de petiscos algures, embora ela nunca lhes tocasse.

Eu não conseguia olhar para aquilo; deixava-me triste e desesperada, vê-lo assim outra vez.

O estuque fora retirado, expondo os tijolos nus por debaixo, e a decoração era toda o teu género: tapetes orientais sobre o chão, móveis de ébano pesados, grandes sofás e cadeirões de couro, e demasiadas velas. E, por toda a parte, as provas das tuas obsessões: enormes gravuras emolduradas, a *Ofélia* de Millais, bela e serena, com os olhos e a boca abertos, e com flores nas mãos. A *Tripla Hécate* de Blake, o *Sabat das Bruxas* de Goya, o seu *Cão Afogado*. Detesto esta mais do que todas, o pobre animal a lutar para manter a cabeça acima da maré a subir.

Ouvi um telefone a tocar e pareceu-me vir de debaixo da casa. Segui o som ao longo da sala de estar e descí alguns degraus — creio que costumava haver aí uma arrecadação, cheia de tralha. Certo ano, inundou-se e ficou tudo coberto de lodo, como se a casa se estivesse a tornar parte do leito do rio.

Entreí naquilo que se tornara o teu estúdio. Estava cheio de equipamento de filmagem, ecrãs, projetores e caixas de luz, uma impressora, papéis, livros e pastas empilhados no chão, e arquivos agrupados contra a parede. E fotografias, claro. As tuas fotografias a cobrirem cada centímetro do estuque. Para um leigo, poderia parecer que eras uma fã de pontes: a Golden Gate, a ponte de Nanquim sobre o rio Yangtzé, o viaduto Príncipe Eduardo. Mas vejam melhor. Não se trata de pontes, não é um amor por essas obras-primas de engenharia. Vejam melhor e perceberão que não são apenas pontes, é Beachy Head, a floresta de Aokigahara, Preikestolen. Os locais a que pessoas desesperadas vão para acabarem com tudo, catedrais da angústia.

Defronte da entrada, imagens do Poço das Afogadas. Uma vez, e outra, e outra, de todos os ângulos imagináveis, de todos os pontos de vista: pálido e gelado no inverno, com a falésia escura e brutal, ou cintilante no verão, um oásis, exuberante e verde, ou de um cinzento opaco e pedregoso com nuvens de tempestade por cima, uma vez, e outra, e outra. As imagens desfocavam-se tornando-se uma só; um ataque vertiginoso ao olhar. Senti-me como se estivesse *lá*, naquele sítio, como se me encontrasse no cimo do penhasco a olhar para baixo, para a água, e a sentir essa adrenalina terrível: a tentação do esquecimento.

NICKIE

ALGUMAS DELAS IAM ÁGUA ADENTRO voluntariamente e algumas não; e, se perguntassem a Nickie — não que alguém o fizesse, porque nunca ninguém o fez —, Nel Abbott tinha entrado a dar luta. Mas ninguém lhe ia perguntar e ninguém lhe daria ouvidos, pelo que, na verdade, não fazia sentido ela dizer o que quer que fosse. Especialmente, não à polícia. Mesmo que não tivesse tido os seus problemas com eles no passado, não podia falar-lhes acerca daquilo. Era demasiado arriscado.

Nickie tinha um apartamento por cima da mercearia; na verdade, apenas um quarto, com uma pequena bancada de cozinha e uma casa de banho tão minúscula que mal merecia esse nome. Não era grande coisa, não dizia muito do que ela tinha feito com a sua vida, mas tinha um cadeirão confortável junto à janela, que dava para a vila, e era aí que se sentava e comia, e até dormia, às vezes, porque hoje em dia já mal conseguia dormir, pelo que lhe parecia não fazer muito sentido ir para a cama.

Sentava-se e observava todas as idas e vindas e, se não visse, *sentia*. Mesmo antes de as luzes terem começado a cintilar sobre a ponte, sentira algo. Não sabia que era Nel Abbott, a princípio não. As pessoas acham que as visões são cristalinas, mas não é assim tão simples. Só sabia que alguém voltara a ir nadar. Com as luzes apagadas, ela sentou-se e observou: um homem e os seus cães subiram escadas acima, depois chegou um carro; não

um carro-patrolha como deve ser, apenas um carro normal, azul-escuro. O inspetor Sean Townsend, pensou ela, e tinha razão. Ele e o homem com os cães voltaram a descer as escadas e, depois, chegou a cavalaria toda, com luzes intermitentes, mas sem sirenes. Não fazia sentido. Não havia pressas.

Quando o Sol se levantara no dia anterior, ela descera para comprar leite e o jornal, e toda a gente estava a falar, toda a gente estava a dizer — olha mais uma, é a segunda este ano —, mas, quando contaram quem era, quando disseram que era Nel Abbott, Nickie soube que a segunda não fora como a primeira.

Ainda chegara a pensar em ir ter com Sean Townsend e dizer-lhe logo ali. Mas, embora fosse um jovem agradável e bem-educado, continuava a ser um chui, e filho do seu pai, pelo que não se podia confiar nele. Nickie nem sequer teria pensado nisso se não tivesse tido um ligeiro fraquinho por Sean. Ele próprio passara por uma tragédia e Deus sabe por que mais depois disso, e fora bondoso com ela — fora o único a ser bondoso com ela na altura da sua própria detenção.

A segunda detenção, para ser sincera. Fora há algum tempo, há seis ou sete anos. Ela quase desistira do negócio depois da sua primeira condenação por fraude, e reservava-se apenas para alguns clientes regulares e para a malta da bruxaria que aparecia de vez em quando para prestar homenagem a Libby, a Mary e a todas as mulheres da água. Fazia algumas leituras de tarot e algumas sessões espíritas durante o verão; de vez em quando, pediam-lhe que contactasse um familiar, ou uma das nadadoras. Mas tinha desistido de angariar clientes há já muito tempo.

Acontece que, depois, fizeram-lhe um segundo corte na pensão, pelo que Nickie teve de sair da semirreforma. Com a ajuda de um dos tipos que eram voluntários na biblioteca, criou uma página de Internet em que oferecia leituras a 15 libras por cada meia hora. O que, ainda por cima, comparativamente, era um bom preço — aquela Susie Morgan da televisão, que era tão médium como o traseiro de Nickie, cobrava 29,99 libras por 20 minutos e, por esse preço, nem sequer se falava com ela, só com um membro da sua «equipa de médiuns».

Ela só tinha a página a funcionar há algumas semanas quando foi denunciada à polícia por um funcionário da inspeção comercial por «não apresentar o termo de isenção de responsabilidade exigido pelos Regulamentos de Defesa do Consumidor». Regulamentos de Defesa do Consumidor! Nickie desculpou-se dizendo que não sabia que tinha de apresentar um termo de responsabilidade; a polícia disse-lhe que a lei tinha mudado. Como é que estavam à espera de que ela soubesse? A pergunta causara grande hilaridade, claro. Era de pensar que adivinharia! Então, só consegue ver o futuro? E o passado, não?

Só o inspetor Townsend — um mero agente, nessa altura — é que não se tinha rido. Fora bondoso, explicara-lhe que era por causa das novas regras da União Europeia. Regras da União Europeia! Defesa do Consumidor! Tempos houvera em que pessoas como Nickie eram processadas (perseguidas) de acordo com a Lei da Bruxaria e a Lei dos Médiuns Fraudulentos. Agora, eram apanhados pelos burocratas europeus. Oh, como tombaram os poderosos!

Portanto, Nickie fechou a página de Internet, renunciou à tecnologia e voltou aos seus antigos hábitos, mas hoje em dia não aparecia quase ninguém.

O facto de ser Nel na água transtornara-a um pouco, tinha de admitir. Sentia-se mal. Não propriamente *culpada*, porque a culpa não era sua. Ainda assim, Nickie perguntava-se se teria dito demasiado, revelado demasiado. Mas não a podiam culpar por ter começado aquilo tudo. Nel Abbott já andava a brincar com o fogo — estava obcecada com o rio e os seus segredos, e esse tipo de obsessão nunca acaba bem. Não, Nickie nunca disse a Nel para ir à procura de problemas, só a encaminhou na direção certa. E não se dava o caso de não a ter avisado, pois não? O problema era que ninguém lhe dava ouvidos. Nickie costumava dizer que havia homens naquela vila que nos amaldiçoavam sem qualquer motivo, que sempre assim fora. Contudo, as pessoas faziam vista grossa, não era? Ninguém gostava de se lembrar de que a água daquele rio estava infetada com o sangue e a bÍlis de mulheres perseguidas, mulheres infelizes; afinal, bebiam-na todos os dias.

JULES

TU NUNCA MUDASTE. Eu devia saber isso. E sabia *mesmo*. Adoravas a Casa do Moinho e a água, e estavas obcecada por aquelas mulheres, pelo que tinham feito e por quem tinham deixado atrás de si. E agora isto. Sinceramente, Nel. Levaste mesmo as coisas tão longe?

No andar de cima, hesitei à entrada do quarto principal. Com os dedos na maçaneta da porta, respirei fundo. Sabia o que me tinham dito, mas também te conhecia, e não conseguia acreditar neles. Tinha a certeza de que, quando abrisse a porta, lá estarias tu, alta e magra e nada contente por me veres.

O quarto estava vazio. Dava a sensação de ser um sítio que acaba de ficar desocupado, como se tivesses acabado de sair de lá e corrido escadas abaixo para fazer uma chávena de café. Como se voltasses dentro de nada. Eu ainda conseguia cheirar o teu perfume no ar, algo forte e doce e antiquado, como um dos que a mamã costumava usar, *Opium* ou *Yvresse*.

— Nel?

Disse o teu nome suavemente, não sei se para te conjurar, como a um demónio. O silêncio respondeu-me.

Mais à frente no corredor, ficava o «meu quarto» — aquele em que eu costumava dormir: o mais pequeno da casa, como é próprio dos mais novos. Parecia ainda mais pequeno do que eu me lembrava, mais escuro, mais triste. Estava vazio, à exceção de uma cama individual por fazer, e cheirava a humidade, como a terra.

Nunca dormi bem neste quarto, nunca estive à vontade. O que não é assim tão surpreendente, dado o modo como gostavas de aterrorizar-me. Sentada do outro lado da parede, a arranhar o estuque com as unhas, a pintar símbolos na parte de trás da porta com verniz vermelho-sangue, a escrever os nomes de mulheres mortas na condensação da janela. E, depois, havia todas aquelas histórias que contavas, de bruxas arrastadas para a água ou de mulheres desesperadas a lançarem-se dos penhascos para as rochas lá em baixo, de um rapazinho aterrorizado que se escondera na mata e vira a própria mãe a saltar para a morte.

Não me *lembro* disso. Claro que não. Quando examino a memória que tenho de observar o rapazinho, não faz qualquer sentido: é tão desconexa como um sonho. Tu a sussurras-me ao ouvido — isso não aconteceu numa qualquer noite gelada na água. Seja como for, nunca cá estávamos no inverno, não havia noites geladas na água. Nunca vi uma criança assustada na ponte, a meio da noite — o que é que eu, eu própria uma criança pequena, estaria lá a fazer? Não, foi só uma história que me contaste, de como o rapaz se agachara entre as árvores e olhara para cima e a vira, o rosto dela tão pálido como a sua camisa de noite ao luar; de como olhara para cima e a vira a lançar-se, de braços abertos como se fossem asas, para o ar silencioso; de como o grito dos seus lábios morrera ao embater na água escura.

Nem sequer sei se houve *mesmo* um rapaz que viu a mãe morrer, ou se inventaste aquilo tudo.

Deixei o meu antigo quarto e virei para o teu, o espaço que costumava ser teu, o espaço que, ao que parece, é agora da tua filha. Uma bagunça caótica de roupas e livros, uma toalha húmida largada no chão, canecas sujas na mesa de cabeceira, um bafó a tabaco no ar e o cheiro nauseante a lírios apodrecidos, murchando num vaso ao pé da janela.

Sem pensar, comecei a arrumar. Endireitei a roupa da cama e pendurei a toalha no suporte da casa de banho privativa. Estava de joelhos, a apanhar um prato de plástico sujo de debaixo da cama, quando ouvi a tua voz, um punhal no meu peito.

— O que é que julgas que estás a fazer, foda-se?

JULES

DEBATI-ME PARA ME PÔR DE PÉ, com um sorriso triunfal nos lábios, porque sabia — sabia que eles estavam errados, sabia que não tinham mesmo desaparecido. E ali estavas tu à entrada, dizendo-me para sair do teu quarto, FODA-SE. Dezasseis, dezassete anos, com uma mão à volta do meu pulso, unhas pintadas a cravarem-se-me na pele. *Eu disse para SAÍRES, Julia. Sua vaca gorda.*

O sorriso morreu-me nos lábios, porque é claro que não podias ser tu; era a tua filha, que é quase exatamente igual a ti quando eras adolescente. Encontrava-se à entrada, com uma mão na anca.

— O que é que estás a fazer? — voltou ela a perguntar.

— Desculpa — disse eu. — Sou a Jules. Não nos conhecemos, mas sou tua tia.

— Não perguntei quem eras — disse ela, olhando para mim como se eu fosse estúpida. — Perguntei o que é que estavas a fazer. Estás à procura de quê? — Os seus olhos desviaram-se do meu rosto e olhou na direção da porta da casa de banho. Antes que lhe pudesse responder, disse: — A polícia está lá em baixo — e seguiu pelo corredor fora, com as suas pernas compridas, passos preguiçosos e os chinelos a baterem no chão ladrilhado.

Apressei-me atrás dela.

— Lena — disse eu, colocando-lhe a mão sobre o braço. Ela libertou-o como se estivesse escaldada, virando-se para trás, para me encarar. — Lamento.

Ela baixou os olhos, com os dedos a massajarem o sítio em que eu a tocara. As suas unhas apresentavam vestígios de um antigo verniz azul, e as pontas dos dedos pareciam pertencer a um cadáver. Acenou com a cabeça, sem vir ao encontro do meu olhar.

— A polícia precisa de falar contigo — disse ela.

Ela não é como eu esperava. Suponho que imaginara uma criança, destroçada, desesperada por consolo. Mas ela não o é, claro; não é uma criança, tem 15 anos e já é quase adulta e, quanto a procurar consolo, não parecia necessitar de todo disso, não de mim. Afinal de contas, é tua filha.

Os detetives estavam à espera na cozinha, de pé junto à mesa, olhando lá para fora, em direção à ponte. Um homem alto com uma barba por fazer grisalha salpicada na cara e uma mulher a seu lado, cerca de 30 centímetros mais baixa do que ele.

O homem avançou, com a mão estendida e os olhos cinzento-claros fixos no meu rosto.

— Inspetor Sean Townsend — disse ele. Ao esticar o braço, reparei que tinha um ligeiro tremor. A sua pele parecia fria e seca contra a minha, como se pertencesse a um homem muito mais velho. — Sinto muito pela sua perda.

Tão estranho ouvir aquelas palavras. Disseram-nas ontem quando me vieram contar. Eu própria quase as dissera à Lena, mas agora a sensação era diferente. A sua *perda*. Apetecia-me dizer-lhes: ela não está perdida. Não pode estar. Vocês não conhecem a Nel, não sabem como ela é.

O inspetor Townsend observava o meu rosto, à espera de que eu dissesse alguma coisa. Era muito mais alto do que eu, magro e com um ar incisivo, como se, caso nos aproximássemos demasiado dele, nos pudéssemos cortar. Eu ainda estava a olhar para ele quando me apercebi de que a mulher me fitava, com um rosto cheio de compaixão.

— Agente Erin Morgan — disse ela. — Lamento muito.

Tinha uma pele cor de azeitona, olhos escuros e cabelo preto-azulado, cor de asa de corvo. Usava-o puxado para trás, mas alguns caracóis tinham escapado junto às têmporas e por trás das orelhas, dando-lhe um ar de desalinho.

— A agente Morgan será o seu contacto na polícia — disse o inspetor Townsend. — Mantê-la-á informada acerca do ponto em que nos encontramos na investigação.

— Há uma investigação? — perguntei estupidamente.

A mulher acenou com a cabeça e sorriu, fazendo sinal para que me sentasse à mesa da cozinha, e eu obedeci. Os detetives sentaram-se à minha frente. O inspetor Townsend baixou os olhos e esfregou a palma da mão direita no seu pulso esquerdo, com movimentos rápidos e bruscos: um, dois, três.

A agente Morgan estava a falar comigo, com o seu tom calmo e tranquilizador a opor-se às palavras que lhe saíam da boca.

— O corpo da sua irmã foi visto no rio por um homem que andava a passear os cães ontem de manhã cedo — disse ela. Uma pronúncia de Londres, com uma voz suave como o fumo. — Os indícios preliminares sugerem que estava na água apenas há algumas horas. — Olhou para o inspetor e novamente para mim. — Estava completamente vestida, e os ferimentos são condizentes com uma queda do penhasco acima do poço.

— Acha que ela *caiu*? — perguntei.

Desviei o olhar dos detetives da polícia para a Lena, que me seguira até ao andar de baixo e que estava do outro lado da cozinha, encostada à bancada. Descalça, com perneiras pretas e um colete cinzento esticado sobre as clavículas acentuadas e os minúsculos brotos de seios, estava a ignorar-nos, como se aquilo fosse normal, banal. Como se fosse uma ocorrência quotidiana. Agarrava o telemóvel com a mão direita, percorrendo-o com o polegar, e tinha o braço esquerdo à volta do seu corpo esguio, o antebraço mais ou menos da largura do meu pulso. Uma boca larga e amuada, sobranceiras escuras, o cabelo louro e sujo a cair-lhe sobre a cara.

Deve ter pressentido que a observava, porque levantou os olhos e ampliou-os apenas por um momento, pelo que afastei o olhar. Falou.

— Tu não achas que ela *caiu*, pois não? — disse ela, com o lábio a dobrar-se. — Conhece-la melhor do que isso.

LENA

ESTAVAM TODOS SÓ A OLHAR fixamente para mim e apetecia-me gritar-lhes para que saíssem da nossa casa. Da *minha* casa. É a minha casa, a nossa, nunca será dela. *Tia Julia*. Descobri-a no meu quarto, a vasculhar as minhas coisas, antes sequer de me ter conhecido. Depois, tentou ser agradável e disse-me que lamentava, como se eu devesse acreditar que ela não se está a cagar.

Não durmo há dois dias e não quero falar com ela nem com ninguém. E não quero a ajuda dela nem as suas condolências de merda, e não quero ouvir as mesmas teorias patéticas acerca do que aconteceu à mamã, vindas de pessoas que *nem sequer a conheciam*.

Estava a tentar manter a boca calada, mas, quando eles disseram que provavelmente ela caiu, fiquei mesmo zangada, porque é claro que não caiu. Não caiu. Eles não compreendem. Isto não foi um acidente fortuito, *foi ela que fez isto*. Quer dizer, não é que agora importe, suponho, mas sinto que toda a gente devia, pelo menos, admitir a verdade.

Disse-lhes:

— Ela não caiu. Saltou.

A detetive começou a fazer perguntas estúpidas acerca de porque é que eu dizia aquilo e se ela estava deprimida e se já o tentara antes e, durante todo esse tempo, a tia Julia estava só a olhar fixamente para mim, com os seus tristes olhos castanhos, como se eu fosse uma espécie de aberração qualquer.

— Sabem que ela era obcecada pelo poço, por tudo o que lá aconteceu, por toda a gente que lá morreu. Vocês sabem disso. Até *ela* sabe isso — disse eu, olhando para a Julia.

Ela abriu a boca e voltou a fechá-la, como um peixe. Parte de mim queria contar-lhes tudo, parte de mim queria contar-lhes tintim por tintim, mas qual seria, afinal, a utilidade? Não creio que sejam capazes de compreender.

O Sean — o *inspetor Townsend*, como é suposto eu chamá-lo quando são assuntos oficiais — começou a fazer perguntas à Julia: quando foi a última vez que falou com a minha mãe? Qual era o estado de espírito dela na altura? Havia alguma coisa que a estivesse a incomodar? E a tia Julia ficou ali sentada e mentiu.

— Não falo com ela há anos — disse ela, com o rosto a ficar vermelho-vivo ao dizê-lo. — Afastámo-nos.

Ela conseguia ver-me a olhar e sabia que eu sabia que ela era uma aldrabona. Ficou cada vez mais vermelha e, depois, tentou desviar as atenções de si própria, falando comigo.

— Porquê, Lena, porque é que dizes que ela saltou?

Olhei para ela durante muito tempo antes de responder. Queria que ela soubesse que eu via que ela estava a mentir.

— Estou surpreendida por me perguntares isso — disse eu. — Não foste tu que lhe disseste que ela tinha um desejo de morte?

Ela começou a abanar a cabeça e a dizer:

— Não, não, não disse, não desse modo...

Mentirosa.

O outro detetive — a mulher — começou a falar acerca de como «não temos provas, neste momento, que indiquem que se tratou de um ato deliberado» e acerca de como não tinham encontrado um bilhete.

Então, tive de me rir.

— Acham que ela deixaria um *bilhete*? A minha mãe não deixaria um bilhete, foda-se. Isso seria, tipo, tão prosaico.

A Julia acenou com a cabeça.

— Isso é... é verdade. Consigo imaginar a Nel a querer que toda a gente tivesse dúvidas... Ela adorava mistérios. E teria adorado ser o centro de um.

Então, apeteceu-me esbofeteá-la.

Cabra de merda, apeteceu-me dizer, isto também é culpa tua.

A detetive começou a alvoroçar-se, servindo copos de água a toda a gente e tentando impingir-me um deles, e eu já não era capaz de suportar aquilo. Sabia que ia começar a chorar e não ia fazê-lo à frente deles.

Fui para o meu quarto, tranquei a porta e foi lá que chorei. Enrolei-me numa echarpe e chorei tão silenciosamente quanto conseguia. Tenho andado a tentar não ceder àquilo, à vontade de me deixar ir e de me desfazer, porque sinto que, quando isso começar, nunca mais vai parar.

Tenho andado a tentar não deixar que as palavras surjam, mas elas andam às voltas na minha cabeça: *Desculpa, Desculpa, Desculpa, a culpa foi minha*. Não parava de olhar fixamente para a porta do meu quarto e de rever repetidamente aquele momento, no domingo à noite, em que a mamã entrou para dizer boa-noite. Ela disse:

— Aconteça o que acontecer, sabes quanto te amo, Lena, não sabes?

Eu virei-me para o outro lado e pus os auscultadores, mas sabia que ela estava ali, conseguia senti-la de pé e a observar-me, era como se conseguisse sentir a tristeza dela e estivesse contente, por achar que ela a merecia. Faria qualquer coisa, qualquer coisa para ser capaz de me levantar e abraçá-la e dizer-lhe que também a amava e que ela não tinha culpa nenhuma, que eu nunca devia ter dito que a culpa era toda dela. Se ela fosse culpada de alguma coisa, então, eu também era.

MARK

ERA O DIA MAIS QUENTE DO ANO até agora e, dado que o Poço das Afogadas estava interdito, por motivos óbvios, Mark foi para montante, para nadar. Havia um troço em frente ao chalé dos Wards em que o rio se alargava, com a água a correr, veloz e fresca, sobre seixos cor de ferrugem, na margem, mas, no centro, era profunda e suficientemente fria para nos arrancar o fôlego dos pulmões e fazer a pele arder, o tipo de frio que nos fazia rir alto, devido ao choque que provocava.

E ele fê-lo, riu-se às gargalhadas — era a primeira vez em meses que lhe apetecia rir. Também era a primeira vez em meses que estava dentro de água. Para ele, o rio deixara de ser uma fonte de prazer e passara a ser um local de horror, mas hoje voltara a mudar. Hoje, dava-lhe uma sensação agradável. Soubera desde que acordara, mais leve, com as ideias mais claras, com os membros mais relaxados, que hoje era um bom dia para ir nadar. Ontem, tinham encontrado Nel Abbott morta na água. Hoje, era um bom dia. Ele não sentia tanto como se se tivesse libertado de um fardo, mas mais como se um torno — que lhe andara a pressionar as têmporas, ameaçando-lhe a sanidade, ameaçando-lhe a vida — se tivesse, por fim, desapertado.

Uma mulher-polícia fora lá a casa, uma detetive muito jovem, com um ar doce e ligeiramente infantil, que lhe fizera desejar contar-lhe coisas que, na verdade, não devia. Callie Qualquer Coisa

era o nome dela. Ele convidou-a a entrar e contou-lhe a verdade. Disse que vira Nel Abbott a sair do *pub* no domingo à noite. Não mencionou que fora lá com a intenção expressa de dar de caras com ela, isso não era importante. Disse que tinham falado, mas só brevemente, porque Nel estava com pressa.

— Falaram acerca do quê? — perguntou-lhe a detetive.

— Da filha dela, a Lena, é uma das minhas alunas. No período passado, tive alguns problemas com ela; questões de disciplina, esse tipo de coisas. Em setembro, ela vai voltar a estar na minha turma de Inglês: é um ano importante, o ano em que ela vai ter exames nacionais, pelo que eu queria assegurar-me de que não íamos ter mais problemas.

Era suficientemente verdade.

— Ela disse que não tinha tempo, que tinha outras coisas para fazer.

Verdade, também, embora não *toda* a verdade. Não *nada mais que*.

— Ela não tinha tempo para discutir os problemas escolares da filha? — perguntou a detetive.

Mark encolheu os ombros e exibiu-lhe um sorriso pesaroso.

— Alguns pais envolvem-se mais do que outros — disse ele.

— Quando ela saiu do *pub*, para onde é que foi? Estava de carro?

Mark abanou a cabeça.

— Não, creio que ia para casa. Estava a caminhar nessa direção. A detetive acenou com a cabeça.

— Não voltou a vê-la depois disso? — perguntou ela, e Mark abanou a cabeça.

Portanto, parte daquilo era verdade, parte era mentira, mas, em qualquer caso, a detetive parecia satisfeita; deixou-lhe um cartão com um número para onde ligar e disse-lhe que devia contactá-la se tivesse alguma coisa a acrescentar.

— Assim farei — disse ele, com o seu sorriso vitorioso, e ela semicerrou os olhos.

Ele perguntou a si próprio se não teria exagerado.

Agora, mergulhou para debaixo de água, descendo rumo ao leito do rio e enfiando os dedos na lama macia e sedimentosa. Enroscou

o corpo formando uma bola apertada e, depois, com um acesso explosivo de energia, guindou-se de novo para a superfície, inspirando ar para os pulmões.

Teria saudades do rio, mas, agora, estava pronto para se ir embora. Teria de começar a procurar um novo emprego, talvez lá em cima na Escócia, ou talvez ainda mais longe: em França ou em Itália, algures onde ninguém soubesse de onde é que ele tinha vindo ou o que acontecera pelo caminho. Sonhava com uma tábua rasa, uma folha em branco, uma história imaculada.

Ao sair para a margem, sentiu o torno a apertar-se um pouco, mais uma vez. Ainda não estava livre de preocupações. Ainda não. Restava a questão da rapariga, ela ainda lhe podia causar problemas, embora, dado que estivera calada tanto tempo, não parecesse provável que fosse agora quebrar o silêncio. Podiam dizer o que quisessem acerca de Lena Abbott, mas ela era leal; mantinha a sua palavra. E talvez agora, liberta da influência tóxica da mãe, até se pudesse tornar uma pessoa decente.

Sentou-se na margem durante algum tempo, com a cabeça inclinada, escutando a canção do rio e sentindo o sol nos ombros. A sua euforia evaporou-se juntamente com a água que tinha nas costas, mas deixou outra coisa no seu lugar, não exatamente esperança, mas uma premonição tranquila de que a esperança pudesse, pelo menos, ser possível.

Ouviu um ruído e olhou para cima. Vinha lá alguém. Reconheceu a forma dela, a lentidão agonizante do seu caminhar, e o seu coração bateu-lhe mais forte no peito. Louise.

LOUISE

HAVIA UM HOMEM SENTADO NA MARGEM. A princípio, ela pensou que estava nu, mas, quando ele se pôs de pé, conseguiu ver que tinha uns calções de banho, curtos e justos, bem apertados. Sentiu-se a reparar nele, a reparar na sua carne, e corou. Era o Sr. Henderson.

Quando chegou ao pé dele, ele tinha posto uma toalha à volta da cintura e enfiado uma t-shirt pela cabeça. Caminhou na direção dela, com a mão estendida.

— Sra. Whittaker, como está?

— Louise — disse ela. — Por favor.

Ele baixou a cabeça, meio a sorrir.

— Louise. Como está?

Ela tentou retribuir-lhe o sorriso.

— Sabe como é.

Ele não sabia. Ninguém sabia.

— Eles dizem-nos... *eles*, veja bem! Os *conselheiros do luto* dizem-nos que teremos dias bons e maus, e que só temos é de lidar com isso.

Mark acenou com a cabeça, mas os seus olhos desviaram-se dos dela e ela viu-o a ruborizar. Estava envergonhado.

Toda a gente estava envergonhada. Antes de a sua vida se desfazer, ela nunca se apercebera de quão constrangedor era o luto, de quão *inconveniente* era para toda a gente com que o enlutado

contactava. A princípio, era uma coisa reconhecida e respeitada e merecedora de deferência. Mas, passado um tempo, tornava-se um empecilho — da conversa, do riso, da vida normal. Toda a gente queria pôr aquilo para trás das costas, seguir em frente, e lá estava ela, a empatar, a bloquear o caminho, a arrastar o corpo da sua criança morta atrás dela.

— Que tal está a água? — perguntou ela, e o rubor dele agravou-se. A água, a água, a água. Não havia maneira de fugir-lhe naquela vila. — Fria, imagino.

Ele abanou a cabeça como um cão molhado.

— *Brrr!* — disse ele, e riu-se, de modo inibido.

Havia um elefante entre os dois, e ela sentiu que devia realçá-lo.

— Ouviu falar na mãe da Lena?

Como se pudesse não ter ouvido. Como se alguém pudesse viver naquela vila e não saber.

— Sim. É terrível. Meu Deus, é terrível. Foi um choque tão grande. — Calou-se e, dado que Louise não respondeu, continuou a falar: — Hum... quer dizer, eu sei que você e ela...

Arrastou a voz, olhando por sobre o ombro para o carro. Estava desesperado por fugir, pobrezinho.

— Não nos dávamos lá muito bem? — concedeu Louise. Brincou com a corrente à volta do pescoço, puxando o amuleto, um pássaro azul, para a frente e para trás. — Não, não dávamos. Ainda assim...

Ainda assim era o melhor que ela conseguia. *Não nos dávamos lá muito bem* era um eufemismo absurdo, mas não havia necessidade de contar tudo tintim por tintim. O Sr. Henderson sabia acerca da zanga, e Deus a livrasse de estar ao pé do rio a fingir que ficara infeliz por Nel Abbott lá ter morrido. Não podia, não queria fazê-lo.

Ela sabia, ao ouvir os conselheiros do luto, que eles estavam a dizer disparates e que nunca mas nunca mais teria outro dia bom no resto da sua vida, e, no entanto, houvera momentos, nas últimas 24 horas, em que tivera dificuldade em apagar o triunfo do rosto.

— Suponho que, de um modo horrível — estava o Sr. Henderson a dizer —, seja estranhamente adequado, não é? O modo como ela morreu...

Louise acenou com a cabeça, lugubrememente.

— Talvez seja o que ela teria desejado. Talvez seja o que desejou *mesmo*.

Mark fez uma careta.

— Acha que ela... Acha que foi deliberado?

Louise abanou a cabeça.

— Na verdade, não faço ideia.

— Não. Não. Claro que não. — Fez uma pausa. — Pelo menos... pelo menos, agora, o que ela andava a escrever não será publicado, pois não? O livro em que andava a trabalhar acerca do poço... não estava acabado, pois não? Portanto, não pode ser publicado...

Louise trespassou-o com um olhar.

— Acha que não? Eu estava em crer que a morte dela o tornaria ainda mais publicável. Uma mulher que está a escrever um livro acerca de pessoas que morreram no Poço das Afogadas torna-se, ela própria, uma das afogadas? Diria que alguém o quereria publicar.

Mark parecia horrorizado.

— Mas a Lena... certamente que a Lena... ela não quereria que...

Louise encolheu os ombros.

— Quem sabe? — disse ela. — Suponho que seja ela a receber os direitos de autor. — Ela suspirou. — Tenho de ir andando, Sr. Henderson.

Deu-lhe uma palmadinha no braço e ele cobriu-lhe a mão com a sua.

— Lamento mesmo muito, Sra. Whittaker — disse ele, e ela ficou tocada por ver que havia lágrimas nos olhos do pobre homem.

— Louise — disse ela. — Chame-me Louise. E eu sei. Sei que lamenta.

Louise começou a dirigir-se para casa. Levava-lhe horas, aquele caminho pelo trilho do rio acima e abaixo — ainda mais com aquele calor —, mas não conseguia encontrar mais nenhuma maneira de preencher os seus dias. Não que não tivesse coisas para fazer. Havia agentes imobiliários a contactar, escolas a pesquisar. Uma cama que tinha de ser desfeita e um guarda-fatos cheio de roupas que precisavam de ser enfiadas em caixas. Uma criança

que precisava de acompanhamento da mãe. Amanhã, talvez. Amanhã, faria essas coisas, mas hoje caminhava junto ao rio e pensava na filha.

Hoje, fazia o que fazia todos os dias: procurava na sua memória inútil sinais que lhe deviam ter escapado, alertas de que não se devia ter dado conta. Procurava fragmentos, indícios de tristeza na vida feliz da sua criança. Porque a verdade era que nunca se tinham preocupado com Katie. A filha era brilhante, capaz, comedida, com uma vontade de ferro. Despertara para a adolescência como se fosse uma trivialidade, aceitara-a como algo normal. Quando muito, às vezes Louise sentia-se triste por a filha mal parecer precisar dos seus pais. Nada a intimidava — nem os trabalhos da escola, nem a atenção enjoativa da sua melhor amiga carente, nem sequer o seu desabrochar, rápido e quase chocante, para a beleza adulta. Louise conseguia lembrar-se com precisão da vergonha cortante e ofendida que sentira quando reparara nos homens a olharem para o *seu* corpo quando era adolescente, mas Katie não dera quaisquer mostras disso. Tempos diferentes, disse-ra Louise a si mesma, agora as raparigas são diferentes.

Louise e o marido, Alec, não se preocupavam com Katie, apenas com Josh. Sempre sensível, sempre uma criança ansiosa, algo mudara neste ano, algo o andava a incomodar; tornara-se mais reservado, mais introvertido, aparentemente a cada dia que passava. Eles preocupavam-se com o *bullying*, com as suas notas a piorarem, com as suas olheiras de manhã.

A verdade é — a verdade *tem de ser* — que, enquanto andavam a vigiar o filho, à espera de que ele caísse, em vez disso, foi a filha deles que tropeçou, e eles nem sequer repararam, não estavam lá para a amparar. A culpa parecia uma pedra na garganta de Louise; ela estava sempre à espera de que isso a sufocasse, mas não sufocava, nunca, e, portanto, ela tinha de continuar a respirar: a respirar e a lembrar-se.

Na noite anterior, Katie estava calma. Eram só eles os três para jantar porque Josh ia dormir a casa do seu amigo Hugo. Normalmente, isso não era permitido em dias de escola, mas tinham aberto uma exceção porque andavam preocupados com ele.

Aproveitaram a oportunidade para falar com Katie acerca disso. Teria ela reparado, perguntaram eles, em quão ansioso o irmão parecia ultimamente?

— Provavelmente, anda preocupado por ir para a escola grande no ano que vem — disse ela, mas não olhou para os pais enquanto falava, manteve o olhar no prato, e a sua voz vacilava muito sutilmente.

— Há de correr tudo bem — estava Alec a dizer. — Metade da turma dele vai lá estar. E tu estarás lá.

Louise lembrava-se da mão da filha a apertar o copo de água com um pouco mais de força quando Alec disse aquilo. Lembrava-se dela a engolir com dificuldade e a fechar os olhos só durante um segundo.

Lavaram a louça juntas, a mãe lavava e a filha secava, porque a máquina de lavar louça estava avariada. Louise lembrava-se de ter dito que não fazia mal, que podia fazer aquilo sozinha se Katie tivesse trabalhos de casa, e que a filha dissera:

— Está tudo feito.

Louise lembrava-se de que, de cada vez que Katie lhe tirava um prato para secar, deixava os seus dedos roçarem nos da mãe, só um momento mais do que era necessário.

Só que, agora, Louise não podia ter a certeza se se lembrava, de todo, dessas coisas. Teria Katie desviado os olhos, olhado para baixo, para o seu prato? Teria mesmo agarrado o copo com mais força, ou deixado que o seu toque se demorasse? Agora, era impossível dizê-lo, todas as suas recordações pareciam abertas à dúvida, ao equívoco. Ela não sabia bem se isso se devia ao choque de se aperceber de que tudo aquilo que tomara por certo não era, de modo algum, assim tão certo ou se a sua mente estivera permanentemente enevoada pelos medicamentos que tomara nos dias e semanas depois de Katie ter morrido. Louise engolira comprimidos atrás de comprimidos, com cada mão-cheia a proporcionar-lhe horas de alívio em branco, só para voltar a ser submergida no seu pesadelo, ao acordar. Passado algum tempo, percebeu que o horror de redescobrir a ausência da filha, uma e outra vez, fazia com que as horas de esquecimento não valessem a pena.

Disto, sentia que podia estar certa: quando Katie disse boa-noite, sorriu e beijou a mãe do modo como sempre fazia. Abraçou-a, não mais apertada ou demoradamente do que era habitual, e disse:

— Dorme bem.

Como é que ela tinha sido capaz, sabendo o que ia fazer?

Diante de Louise, o caminho desfocava-se, com as lágrimas a obscurecerem-lhe a visão, pelo que não reparou na fita até estar em cima dela. *Polícia. Não Atravessar.* Ela já ia a meio da colina e aproximava-se do cume; teve de fazer um desvio pronunciado para a esquerda, para não perturbar o último chão que Nel Abbott alguma vez pisara.

Arrastou-se pela cumeeira e desceu a encosta da colina, com os pés a doerem-lhe e o cabelo a colar-se-lhe ao couro cabeludo, por causa do suor, até chegar à desejada sombra em que o caminho atravessava um matagal de árvores à beira do poço. Cerca de um quilómetro e meio mais à frente no caminho, chegou à ponte e subiu os degraus até à estrada. Um grupo de raparigas jovens aproximava-se dela pela esquerda e ela procurou, como sempre fazia, a sua filha entre elas, tentando ver a sua cabeça castanho-clara e ouvir o ribombar do seu riso. O coração de Louise voltou a ficar destroçado.

Observou as raparigas, com os braços à volta dos ombros umas das outras, agarrando-se, uma massa entrelaçada de carne macia; no seu centro, apercebeu-se Louise, encontrava-se Lena Abbott. Lena, tão solitária naqueles últimos meses, estava a ter o seu momento de celebridade. Também ela seria olhada de boca aberta e lastimada e, passado algum tempo, evitada.

Louise afastou-se das raparigas e olhou fixamente colina acima, na direção de casa. Curvou os ombros, deixou cair o queixo e esperou conseguir passar despercebida, porque olhar para Lena Abbott era uma coisa terrível, conjurava imagens horríveis na mente de Louise. Mas a rapariga avistou-a e gritou:

— Louise! Sra. Whittaker! Espere, por favor.

Louise tentou caminhar mais depressa, mas tinha as pernas pesadas e o seu coração estava murcho como um balão velho, e Lena era jovem e forte.

— Sra. Whittaker, quero falar consigo.

— Agora não, Lena. Desculpa.

Lena pôs a mão no braço de Louise, mas a mulher afastou-se, não conseguia olhar para ela.

— Lamento muito. Agora não posso falar contigo.

Louise tornara-se um monstro, uma criatura vazia que não era capaz de reconfortar uma criança órfã, que — pior, muitíssimo pior — não era capaz de olhar para aquela criança sem pensar: *Porque não tu? Porque é que não estavas na água, Lena? Porque é que não foste tu? Porquê a minha Katie? Bondosa e meiga e generosa e trabalhadora e motivada — melhor do que tu de todas as maneiras possíveis. Ela nunca devia ter entrado na água. Devias ter sido tu.*

O POÇO DAS AFOGADAS

DANIELLE ABBOTT (inédito)

Prólogo

Quando eu tinha 17 anos, salvei a minha irmã de se afogar.
Mas isso, acreditem ou não, não foi o início da história.

Há pessoas que se sentem atraídas pela água, que conservam algum sentido vestigial, primordial de onde ela corre. Creio que sou uma delas. Sinto-me mais viva quando me encontro ao pé da água, quando me encontro ao pé desta água. Este é o local em que aprendi a nadar, o local em que aprendi a habitar a natureza e o meu corpo, da maneira mais alegre e aprazível.

Desde que me mudei para Beckford, em 2008, tenho nadado no rio quase todos os dias, no inverno e no verão, às vezes com a minha filha e às vezes sozinha, e fui ficando fascinada pela ideia de que este local de êxtase podia ser para os outros um local de medo e de terror.

Quando tinha 17 anos, salvei a minha irmã de se afogar, mas tinha-me tornado obcecada pelo poço de Beckford muito antes disso. Os meus pais eram contadores de histórias, sobretudo a minha mãe; foi da sua boca que ouvi, pela primeira vez, a história trágica da Libby, do massacre chocante no chalé dos Wards, da terrível lenda do rapaz que viu a sua mãe a saltar. Obrigava-a a contar-ma, repetidamente, e lembro-me da consternação do meu pai («Essas histórias não são mesmo para crianças.») e da resistência da minha mãe («Claro que são! São História.»).

Ela plantou uma semente em mim e, muito antes de a minha irmã ter entrado água adentro, muito antes de eu ter pegado numa máquina fotográfica ou levado a caneta ao papel, passei horas em devaneios

e a imaginar como teria sido, que sensação teria produzido, quão fria devia ter estado a água para a Libby naquele dia.

Como adulta, o mistério que me tem consumido é, claro está, o da minha própria família. Não devia ser um mistério, mas é, porque, apesar dos meus esforços para construir pontes, a minha irmã não fala comigo há vários anos. No poço do seu silêncio, tentei imaginar o que a atraía para o rio na calada da noite, e até eu, com a minha imaginação singular, não consegui. Porque a minha irmã nunca foi a dramática, a que era dada a gestos arrojados. Podia ser dissimulada, artilosa, tão vingativa como a própria água, mas ainda estou perplexa. Pergunto-me se não estarei sempre.

Decidi, no decurso do processo de tentar compreender-me a mim própria e à minha família e às histórias que contamos uns aos outros, que tentaria entender todas as histórias de Beckford, que tentaria pôr por escrito todos os derradeiros momentos, tal como os imaginava, das vidas das mulheres que foram parar ao Poço das Afogadas de Beckford.

Tem um nome soturno; e, contudo, o que é afinal? Uma curva do rio, somente. Um meandro. Achá-lo-ão se seguirem todas as voltas e reviravoltas do rio, a dilatar-se e a transbordar, dando vida e roubando-a, também. O rio é, à vez, frio e límpido, estagnado e poluído; serpenteia por entre florestas e corta, como aço, por entre as dúcteis Cheviot Hills, e, depois, mesmo a norte de Beckford, abranda. Repousa, só durante um pouco, no Poço das Afogadas.

É um local idílico: carvalhos dão sombra ao caminho, faias e plátanos pontuam as encostas, e há um banco de areia inclinado do lado sul. Um local onde remar, onde levar as crianças; o lugar ideal para um piquenique num dia de sol.

Mas as aparências iludem, porque este é um local mortífero. A água, escura e vítrea, esconde o que se encontra sob a sua superfície: algas para nos emaranharem, para nos arrastarem para baixo, rochas afiadas para nos cortarem a carne. Por cima, emerge o penhasco de ardósia cinzenta: um desafio, uma provocação.

Este é o local que, ao longo de séculos, reclamou as vidas de Libby Seeton, de Mary Marsh, de Anne Ward, de Ginny Thomas, de Lauren Slater, de Katie Whittaker, e mais — inúmeras outras, sem nome nem rosto. Eu queria perguntar porquê, e como, e o que nos dizem as suas

vidas e mortes acerca de nós próprios. Há quem prefira não fazer essas perguntas, quem prefira abafar, suprimir, silenciar. Mas eu nunca fui dada à tranquilidade.

Neste trabalho, nesta memória da minha vida e do poço de Beckford, queria começar não com afogamentos mas com natação. Porque é assim que isto principia: com as bruxas a nadarem — o tormento da água. Ali, no meu poço, esse lugar de beleza pacífica, a cerca de um quilómetro de onde me encontro sentada agora, foi onde as trouxeram e as ataram e as atiraram ao rio, para se afundarem ou nadarem.

Há quem diga que as mulheres deixaram algo de si próprias na água; há quem diga que esta conserva o seu poder, porque, desde então, tem atraído para as suas margens as desafortunadas, as desesperadas, as infelizes, as perdidas. Vêm até cá para nadarem com as suas irmãs.

CUIDADO COM AS ÁGUAS CALMAS. NÃO SABEMOS O QUE ESCONDEM NO FUNDO.

NEL VIVIA OBCECADA COM AS MORTES NO RIO.

O rio que atravessava aquela vila já levava a vida a demasiadas mulheres ao longo dos tempos, incluindo, recentemente, a da melhor amiga da sua filha. Desde então, Nel vivia ainda mais determinada a encontrar respostas.

AGORA, É ELA QUE APARECE MORTA.

Sem vestígios de crime, tudo aponta para que Nel se tenha suicidado no rio. Mas poucos dias antes da sua morte, ela deixara uma mensagem à irmã, Jules, num tom de voz urgente e assustado. Estaria Nel a temer pela sua vida?

QUE SEGREDOS ESCONDEM AQUELAS ÁGUAS?

Para descobrir a verdade, Jules vai ser forçada a enfrentar recordações e medos terríveis, há muito submersos naquele rio de águas calmas, que a morte da irmã vem trazer à superfície.

Um livro profundamente original e surpreendente sobre as formas devastadoras que o passado encontra para voltar a assombrar-nos no presente. Paula Hawkins confirma, de forma triunfal, a sua mestria no entendimento dos instintos humanos, numa história com tanta ou mais intensidade do que *A Rapariga no Comboio*.

LEIA TAMBÉM:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8800-88-6



9 789898 800886

Thriller